



CONTRADIÇÕES CULTURAIS DO CORTEJO TRIUNFANTE DA MODERNIDADE EM CUIABÁ

Silvia Ramos Bezerra *

Universidade de Cuiabá/Faculdade de Comunicação Social

silviaramosbezerra@hotmail.com

RESUMO: Partindo da análise da Tese VII das *Teses sobre o Conceito de História* de Walter Benjamin, este artigo pretende compreender o significado sócio-histórico dos conflitos em torno da regionalidade como traço distintivo das elites na busca de seu papel identitário na cidade de Cuiabá. A construção desta identidade ocorre pela apropriação de bens culturais das populações tradicionalmente marginalizadas no cenário sócio-político local e, recentemente, estas populações têm suas manifestações culturais próprias usadas como fundamento simbólico das elites locais em seu confronto com o migrante.

PALAVRAS-CHAVE: Modernização – Cuiabá – Cultura – Multiculturalidade

ABSTRACT: Starting of the analysis of Thesis VII of the Walter Benjamin's *Theses on the Philosophy of History*, this article intends to understand the historical meaning of the conflicts about the locality as distinctive trace of the elites in the search of its identitary scene in the city of Cuiabá. The construction of this identity occurs through appropriation of cultural things of the society populations traditionally kept out of local scene and, recently, these populations has its used proper cultural manifestations as symbolic bedding of the local elites in its confrontation with the migrant.

KEYWORD: Modernization – Cuiabá – Culture – Multicultural

As particularidades historiográficas que poderíamos evocar ao tratarmos do processo de formação da cidade de Cuiabá, fruto da expedição da bandeira do paulista Pascoal Moreira Cabral em 1719, na verdade, apenas reforçam e confirmam a sua condição colonial de cidade mineradora.

Dados os inúmeros ciclos econômicos que transcorrem no período colonial, observa-se que o passado de Cuiabá cruza-se e entrecruza-se com a história do sertão brasileiro: apogeu garimpeiro com expansão populacional e desenvolvimento e, com a

* Mestre em Estudos Culturais pela Universidade Federal de Mato Grosso (Mestrado em Estudos de Linguagem). Professora dos Cursos de Jornalismo da Universidade de Cuiabá e Instituto Várzea-grandense de Educação.

queda da produção aurífera, novamente abandono e miséria¹ e a urgência de um novo produto local que garantisse a continuidade do crescimento econômico da região.

Mais do que nos determos nas miudezas históricas, para efeito deste trabalho, o que nos interessa é mostrar como se deu o processo de modernização da cidade em sua relação com a gênese da idéia de Cuiabá moderna,² que tão fortemente vai povoar o imaginário local sobre a cidade, verificando como, anos mais tarde, a cultura servirá de palco para os conflitos decorrentes de novos processos econômicos e políticos nacionais um novo contexto local.

A MODERNIDADE DO IMAGINÁRIO DA CIDADE

A sombra do atraso, do afastamento ainda recaia sobre Cuiabá e Mato Grosso mesmo após quase dois séculos de existência política.

O estado que era uma ‘ficção geográfica’ continuava sendo sinônimo de distância, de atraso econômico e cultural, de vazio populacional e de ausência de lei ou, como se tornara visão corrente, o verdadeiro ‘paraíso do crime’.³

O material jornalístico em fins do século XIX trata de relatar Mato Grosso, e sua capital, como cenário de guerras políticas sangrentas e desenfreadas. Também não escapavam as descrições de “crimes bárbaros”, de “arruaças” e de desordens “levadas a termo por uma legião de bandidos impunes”.⁴

Em busca de compreender a origem das notícias difamatórias sobre o Estado, Laura Maciel esclarece:

Além de interesses políticos ‘inconfessáveis’ e ‘nefastos’, as notícias seriam também deturpadas e ampliadas pela distância, pelos meios de comunicação atrasados e principalmente pela imaginação ou má-fé dos jornalistas dos grandes centros.⁵

Serão interesses econômicos e políticos que irão mover forças no sentido de dissipar a imagem negativa que o Estado tinha país afora, iniciando uma grande

¹ Cf. MADUREIRA, Elisabeth. **O Processo Histórico de Mato Grosso**. Cuiabá: EdUFMT, 1990.

² Tomada de empréstimo de Octavio Ianni, que, ao tratar da modernidade brasileira, cunhou a expressão “a idéia de Brasil Moderno”.

³ MACIEL, Laura. **A Capital de Mato Grosso**. 1992. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós Graduação, Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992, f. 100.

⁴ As notícias eram publicadas entre 1890 e 1920 nos periódicos **O Estado de S. Paulo**, **Diário Popular**, **Correio Paulistano**, entre outros.

⁵ MACIEL, 1992, op. cit., f.101-102.

campanha propagandística para fazer com que o Brasil todo tivesse conhecimento do processo de modernização que estava em curso na região.

Isto porque fomentando uma imagem de progresso, que não se restrinja a suscitar potencialidades econômicas, como também “elevar” o grau de civilização de seu povo, se conseguiria atrair investimento e financiamento públicos e privados.

Juntamente como a campanha de divulgação do Estado ainda no final do século XIX, um grande movimento pró-modernização vai ser iniciado na capital. Este movimento passa também pelas políticas imigratórias que começam a ser implantadas com visa a obter tanto força de trabalho para as diversas frentes de produção, segundo, claro, a vocação agrícola do Estado, como uma “tentativa de melhoria da raça”.

[...] enfezamento de uma descendência e bandeirantes audazes que, à falta de renovação por outras correntes étnicas [...] parcialmente vai se incapacitando para vencer este deserto em que nos insularam os primitivos descobridores.⁶

Aqui neste momento, já se torna clara a separação com o sul do Estado, pois, mesmo com as diversas leis de incentivo para a ocupação de terras devolutas, a parte norte de Mato Grosso via-se ainda desocupada e com baixa imigração internacional, enquanto o sul prosperava com a fundação contínua de povoados e cidades tanto com a extração do mate, como posteriormente com a construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil.

No século XX, a comemoração do bicentenário vai se mostrar um evento decisivo neste processo de modernização de Cuiabá. A tão aguardada vinda do trem e com ele a esperança “da chegada da civilização e do desenvolvimento econômico” vai marcar este novo estágio:

As cores do progresso afluíam às faces da velha cidade. Nova seiva fortificaria o habitante do sertão. O futuro seria, decerto, risonho e já podia ser entrevisto na aurora “prestes a raiar”. A bicentenária capital passaria por uma reforma profunda, quando o sonho se traduzisse em realidade. [...] fosse isso uma quimera ou uma ilusão, o certo é que a capital assistiu à destruição de todos os seus sonhos e de todas as suas esperanças, mas continuou aguardando, inutilmente o trem que nunca chegou.⁷

⁶ PRADO, Cesário. O nosso dever. **O Matto Grosso**, n. 1563, 13 abr. de 1919, 2 p.

⁷ MACIEL, Laura. **A Capital de Mato Grosso**. 1992. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós Graduação, Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992, f. 124.

É desta forma que a modernidade cuiabana vai imprimindo-se no imaginário popular, como um sonho a ser realizado, como uma espera nunca finda, tal qual o trem que jamais veio.

Nas décadas seguintes, o **esforço de civilização** somado as políticas nacionais de expansão de fronteiras agrícolas nas regiões Norte e Centro-oeste, que tem seu início mais evidente no Estado Novo até os governos atuais, vão transformar definitivamente Cuiabá e fazê-la enfrentar todas as faces de seu sonho de modernidade.

A CUIABÁ CONTEMPORÂNEA

A cidade quase tricentenária, localizada a meio caminho de toda América Latina é hoje o grande expoente do agronegócio brasileiro. Isto porque, nos últimos trinta anos, Mato Grosso vem se posicionando no ranking nacional como um dos maiores produtores de grãos, posição que num passado recente também ocupou em relação à pecuária.

Não é gratuito o fato de que o governador eleito em 2002 também ostentar o título de maior produtor individual de soja do mundo, pois a língua falada na economia local deixou há muito os “trejeitos” da cultura de subsistência familiar (representada pela ridicularizada figura do plantador de mandioca) ou pelo ribeirinho, para ingressar na monocultura tecnológica e exportadora.

Segundo dados do Plano Plurianual de Mato Grosso, de 2004 a 2007:

As grandes propriedades significam aproximadamente 82% do domínio das terras de todos os estabelecimentos rurais, embora representem apenas 10% do número de propriedades existentes. Por outro lado, as propriedades com menos de 1.000 ha correspondem a aproximadamente 90% do número de propriedades existentes, porém dominam apenas 18% do total das terras. Esta situação é consequência do modelo de ocupação do solo em Mato Grosso e da ausência de políticas públicas articuladas para o fortalecimento da média e pequena produção, dependentes do apoio do Poder Público para o seu desenvolvimento econômico e social.⁸

Ainda segundo agências de fomento, a produção brasileira de grãos bateu recordes de produção chegando a impressionante marca de 130 milhões de toneladas na safra 2004/2005.

⁸ MATO GROSSO. Assembléia Legislativa de Mato Grosso. **Plano Plurianual 2004-2007**. Mensagem n. 49/2003, p.16. Agosto de 2003.

Mato Grosso é assim a nova vedete de mais um ciclo econômico nacional e o pólo de uma crescente mudança de orientação geográfica do sentido da modernidade brasileira, que vai deslocar-se dos centros tradicionais de produção e voltar-se para a produção das monoculturas dirigidas a exportação.

Este cenário vai ter seu início constitutivo a partir dos anos 70 e 80 do século passado, já que esta expansão econômica e descoberta de um cerrado produtivo, podemos assim afirmar, são em grande parte advindas de um processo migratório ainda não findo nos dias atuais.

É também neste período que as grandes transformações produzidas nos diversos setores sociais vão fazer surgir, especialmente na capital, uma outra cidade, com processos culturais e políticos completamente originais.

Assim, a tão almejada modernização, insistentemente desejada nos séculos de história da cidade, e mais especificamente, a partir do final do século XIX e XX, parece um sonho realizado.

Afinal, Cuiabá voltou de novo a se parecer com a Cuiabá dos cuiabanos de "tchapa e cruz" e com a Cuiabá capital sonhada por quem se mudou nesses últimos anos adotou-a e acabou adotado por ela. Demorou, mas tornou-se a cidade de todos nós.⁹



O SENTIDO DA IDÉIA DE UMA CUIABÁ MODERNA

Investigar o sentido da modernidade não é tarefa fácil, pois, ao longo do século XX diversas teorias vão tratar desta temática, seja para afirmar simplesmente como Jürgen Habermas “que a modernidade é um projeto inacabado”, como outros que se filiam a diversas posições teóricas, mas que afirmam que, a partir, dos anos 80, que estamos em num novo período histórico: a pós-modernidade.¹⁰

Preferimos contudo, para fins deste trabalho, recorrer a filosofia de Walter Benjamin, autor alemão, já que sua caracterização da modernidade relaciona o processo

⁹ RIBEIRO, Onofre. **Fator cuiabano/cuiabania**, Cuiabá, 10, 1999. Disponível em: <<<http://www.onofreriibeiro.com.br/modernidade.php?c=2943&s=2>>>. Acesso em: 02 Dez. de 2005.

¹⁰ Muitas interpretações sobre o fenômeno podem ser traduzidas em alguns autores e conceitos-chave: Bauman (modernidade líquida), Jameson (pós-modernidade como lógica cultural do capitalismo tardio), Negri e Hardt (as discussões sobre a soberania e o Império globalizante). Temos a opinião lúcida de Alfredo Bosi para quem, antes da discussão que separaria ultramodernos (que enxergam o desenvolvimento extremo do capitalismo global como possibilitador de novas experiências ou, pelos menos, um período inexorável da história) e antimodernos (críticos radicais da modernidade mesma), deve-se buscar o real sentido da “modernidade”. BOSI, Alfredo. **Dialética da Colonização**. São Paulo: Cia. das Letras, 1992, p. 397-392.

de industrialização capitalista, o desenvolvimento urbano e as novas técnicas de produção cultural.

É justamente a partir deste trinômio que podemos melhor perceber como se deu, no micro-mundo Cuiabá, o processo de modernidade que, segundo Max Weber:

[como] produto da moderna civilização européia estará sujeito à indagação sobre que combinações de circunstâncias se pode atribuir o fato de na civilização ocidental, e só nela, terem aparecido fenômenos culturais que, como queremos crer, apresentam uma linha de significado e valor universais.¹¹

A ensaística e muitas vezes aforismática filosofia benjaminiana permite que percebamos a investigação conceitual a partir da análise de diversos textos. Podemos encontrar investigações sobre o conceito de modernidade para Benjamin ora em sua análise sobre a Paris do século XIX, ou mesmo nos ensaios sobre a obra de arte, sobre Baudelaire e até no texto sobre o surrealismo.¹²

Contudo, acredito que em um de seus últimos trabalhos, escrito sob a forte influência do nazismo alemão, podemos encontrar material filosófico que melhor nos permita pensar o fenômeno modernidade: o ensaio **Teses sobre o Conceito de História**, de 1939.

Neste texto, tantas vezes mal interpretado, Benjamin vai tentar uma reconciliação considerada impossível: materialismo histórico e teologia. Isto porque a preocupação de Benjamin é garantir uma teoria da história que seja apta a evitar os erros e descaminhos que a noção de Progresso como fim derradeiro irá produzir ao longo dos séculos, e principalmente a partir do século XX.

Para Benjamin, a teologia não é um objetivo em si, não visa a contemplação inefável das verdades eternas, e muito menos, como poderia a etimologia levar a crer, à reflexão sobre a natureza do Ser divino: ela está a serviço da luta dos oprimidos. Mais precisamente, ela deve servir para reestabelecer a força explosiva, messiânica, revolucionária do materialismo histórico – reduzido, por seus epígonos, a um mísero autômato.¹³

O messianismo de sua proposta reside no fato de que a revolução que extinguirá “a pré-história da humanidade” de que falava Marx, somente será possível,

¹¹ WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Martin Claret, 2004, p. 23.

¹² Refiro-me respectivamente aos ensaios: Paris Capital do Século XIX, A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica, a Paris do Segundo Império em Baudelaire e O Surrealismo. BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas III** – Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo. São Paulo: Brasiliense, 1989.

¹³ LÖWY, Michael. **Walter Benjamin**: aviso de incêndio. São Paulo: Boitempo, 2005, p. 45.

se, de um só turno, findar a opressão e também por termo na racionalidade progressista, cartesiana e científica própria da modernidade e do capitalismo que esta engendra.

Quando se quer um ‘progresso da própria humanidade’ não se pode confiar em um processo de aperfeiçoamento gradual e infinito, mas é preciso lutar por uma ruptura radical: o fim da história milenar da opressão – o fim da pré-história na linguagem de Marx.¹⁴

Benjamin verá também que a mesma racionalidade progressista irá produzir uma noção de tempo na modernidade antes nunca vista. O tempo, que ele chamou de **tempo do calendário**, passa a ser substituído pelo tempo do relógio.

Benjamin distingue o tempo controlado por relógios do tempo pontuado pelo calendário. O tempo dos relógios é o ‘tempo homogêneo e vazio’ que é preenchido qual um recipiente, que vai acomodando, indiferente, acontecimentos que caem ‘dentro dele’. O tempo do calendário, ao contrário, não se desenrola mecanicamente, pontua a existência com ‘dias de recordação’. [...] este é o caráter diferencial do tempo histórico; não a badalada regular do relógio que nivela todas as ocorrências em um contínuo indiferente, mas a súbita pausa do colecionador; não o frio avanço do processo infinito, mas sua transgressão.¹⁵

Contra esta modernidade capitalista, cuja marca é o relógio de pulso e o ritmo alucinante da calculadora, do expediente, da produção, das trocas mercantis, deve-se voltar qualquer teoria crítica, vislumbrando não o sonho futurista “da locomotiva da história” hegeliana, mas as práticas dilacerativas e opressivas que existiram no passado, e, trazendo para o palco principal não apenas a narrativa de vitórias, mas a longa e centenária luta dos oprimidos de toda sorte. E assim, “escovar a história a contrapelo”.

Pensando o caso Cuiabá, podemos verificar que esta modernidade tão almejada permitiu que a cidade se convertesse no que Olgária Mattos chama **cidade racionalista**.

A cidade superficial é a ‘cidade racionalista’ que liquida as referências individuais e coletivas. O individual, o qualitativo, o heterogêneo são excluídos do espaço urbano [assim] (como do campo científico). [...] [O] processo de desencantamento do mundo é resultado da ação formalizadora do pensamento abstrato (do trabalho abstrato) e matematizante e se traduz no espaço urbano pela exclusão de seus rituais e de seus mistérios.¹⁶

Desta forma, como na visão de Max Weber, que caracterizou a modernidade como um processo gradativo de **racionalização intelectualista**, profundamente

¹⁴ LÖWY, Michael. **Walter Benjamin**: aviso de incêndio. São Paulo: Boitempo, 2005, p. 117.

¹⁵ MATOS, Olgária. **Os arcanos do inteiramente outro**. São Paulo: Brasiliense: 1995, p. 31-32.

¹⁶ Ibid., p. 79.

arraigado ao progresso científico, que produz o *desencantamento do mundo*, Cuiabá também viverá uma modernidade como *desencanto da cultura*.

O Desencanto na Cultura, entendido como perda de horizontes, sensação de caos, incerteza e relatividade, é algo que desde o início da modernidade encontrava-se embrionário, implícito nas próprias exigências críticas da Razão – o que gostaria de chamar de ‘a outra face da moeda iluminista’.¹⁷

Esta **Cuiabá desencantada**, que aguardou por décadas sua entrada no cenário nacional, como vimos, encontra-se hoje como pólo de uma política econômica global, referência em produção e consumo de tecnologia agrícola de insumos e maquinário.

Juntamente com sua nova situação geo-política amplamente favorecida pelo processo migratório e pelo desenvolvimento de programas nacionais de “conquistas” do sertão, a cidade passou a sofrer uma profunda transformação em diversos aspectos sejam eles sócias, geográficos, políticos, e, principalmente, econômicos.

É preciso esclarecer que duas reações são possíveis diante do enfrentamento com este outro, migrante, e com as mudanças que este provocou. A primeira delas é a euforia diante da realização do **sonho da modernidade em Cuiabá**: a) bens para consumo de fácil acesso (representados pelos novos Shoppings centers e centros de comércio); b) a expectativa de emprego e aumento da renda (intensificadas pela mídia nacional, que enfatiza a empregabilidade regional); c) racionalização da administração dos bens públicos (que podemos deduzir pela campanha eleitoral vitoriosa em 2002, que deu uma votação esmagadora ao governador “plantador de soja”, através do destaque dado a seu caráter de “bom administrador”). Como segunda reação possível, encontramos setores culturais e sociais que enxergam negativamente o fenômeno da migração e suas conseqüências. Pode-se mesmo afirmar que uma forte rejeição começou, a partir dos anos 70, a ser articulada por grupos locais. “Os cuiabanos perdiam terreno a grandes grupos que aqui chegavam e a aculturação já se configurava num sufoco à cultura deixada por nosso ancestrais”.¹⁸

Algumas são as causas atribuídas a este sentimento de recusa e mesmo disputa diante da cultura migrante. A primeira delas é a insistência deste outro em preservar elementos de sua cultura originária, negando-se compactuar com as práticas culturais

¹⁷ CHEVITARESE, Leandro Pinheiro. As ‘Razões’ da Pós-modernidade. **Análogos** – Anais da I SAF-PUC, Rio de Janeiro: Booklink, 2001, p. 06.

¹⁸ AQUINO, Diane Márcia Souza. **O Discurso da cuiabania**: nós e os outros. 1993. Monografia (Especialização: “A Multiplicidade Lingüística em Mato Grosso”) – Universidade de Mato Grosso, Cuiabá, 1993, f. 15.

locais. Pois, “[...] com os tempos modernos algumas coisas são esquecidas por outras culturas que aqui chegam [...] os que aqui vêm trazem sua cultura e o cuiabano deve fazer o mesmo”.¹⁹

A segunda, que pode mesmo ser consequência ou causa da primeira, diz respeito a ridicularização pelo migrante da cultura local, já que, como já vimos, houve uma forte campanha nacional contra Mato Grosso no século XIX e começo do XX, quase sempre representado na mídia nacional como local distante e selvagem, habitado por “índios e onças”, que vai se imprimir nos discursos dos que por aqui chegam. A terceira, é sem dúvida, a mais importante, é a perda de espaço político e econômico da elite local, fomentando a necessidade de forjar uma identidade cultural própria que seja contrária à afirmação cultural do migrante.

Sobre isso, podemos encontrar referências tanto nas políticas públicas em relação ao espaço urbanístico da cidade e os programas de tombamento do centro histórico, como nas práticas de grupos culturais de preservação da chamada “cultura cuiabana”, vide *Muxirum cuiabano*, entre outras manifestações deste processo de reação.

Sobre o maior movimento de “resgate” cultural de Cuiabá, temos a seguinte definição:

[Do] conflito nasceram os grupos cuiabanos que pretendem resgatar alguns aspectos perdidos de sua cultura e preservar os ainda existentes. O mais recente e atuante grupo desta categoria é o Muxirum cuiabano. O próprio nome do grupo já é uma prova de sua finalidade; a palavra muxirum [...] é de origem tupi-guarani e significa mutirão. É uma linguagem muito antiga utilizada principalmente no meio rural, todas as vezes que se pretendia realizar uma ação comunitária.²⁰

A par de qualquer julgamento moral ou culturalista destes movimentos reativos contra a cultura migrante, ou mesmo sem conferirmos destaque às disputas que estes ensejam, apesar de termos ciência da pertinência deste debate para o cenário político local, o que buscamos nesta oportunidade é evidenciar, dialeticamente, como os processos em questão nada mais são do que fatos inconteste da tese benjaminiana: “nunca há um documento da cultura que não seja, ao mesmo tempo, um documento de

¹⁹ AQUINO, Diane Márcia Souza. **O Discurso da cuiabania: nós e os outros.** 1993. Monografia (Especialização: “A Multiplicidade Lingüística em Mato Grosso”) – Universidade de Mato Grosso, Cuiabá, 1993, f. 15.

²⁰ Ibid., f. 03.

barbárie”. Tomemos nesta reflexão o seguinte trecho da tese VII das **Teses sobre o Conceito de História:**

Ora, os dominantes de turno são os herdeiros de todos os que, algum dia venceram. A identificação afetiva com o vencedor ocorre, portanto, sempre em proveito dos vencedores de turno. Isso diz o suficiente para o materialismo histórico. Todo aquele que, até hoje, obteve a vitória, marcha junto no cortejo de triunfo que conduz os dominantes de hoje [a marcharem] por cima dos que, hoje, jazem por terra. A presa, como sempre de costume, é conduzida no cortejo triunfante. Chamam-na bens culturais.²¹

Recorrendo ao comentário de Löwy podemos compreender que Benjamin fala aqui de uma “identificação afetiva” com os vencedores, sendo que, por vencedor, não devemos entender somente aquele que se sagra vitorioso em batalha, o que também é, de certa forma, válido, mas o que sai à frente na “guerra das classes”. Especificamente, o autor está trabalhando contra um certo tipo de historicismo conformista, que tal qual o cortesão, vê-se identificado com o “cortejo triunfante dos dominantes”.

No contexto da realidade cultural cuiabana, hora em análise, vemos despontar tais elementos tão denunciados pelo autor alemão, pois, em se tratando da disputa cultural que, a partir dos anos 70 tomou impulso em Cuiabá, assistimos tão somente a um rearranjo das forças políticas e econômicas que ganha sua expressividade no campo da cultura, e não, como poderia se supor, que as culturas historicamente marginalizadas sejam, finalmente, chamadas a atuar no palco da história local.

Para atestar esse fenômeno, as conclusões de Diane Márcia de Aquino, no trabalho **O Discurso da Cuiabania: nós e os outros**, de 1993:

Se os enunciados que compõem a seção anterior [Como os Integrantes do Muxirum cuiabano vêem os outros cuiabanos] nos levam a crer que, ao falar da cultura cuiabana, os enunciadorees o fazem pensando na cultura popular dos artesãos, dos pescadores, das pessoas anônimas, os que compõem essa seção nos fazem rever nossas crenças. Parece-nos que interessa aos enunciadorees afirmar o caráter de elite daquilo que é ser cuiabania.²²

Desta forma, vemos que os diversos discursos que se projetam, sejam eles o da antiga elite local (e seu preservacionismo cultural), como os da nova elite migrante (com a ênfase na racionalização progressista tanto em relação à produção econômica

²¹ BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas III** – Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo. São Paulo: Brasiliense, 1989, p. 156-157.

²² AQUINO, Diane Márcia Souza. **O Discurso da cuiabania: nós e os outros**. 1993. Monografia (Especialização: “A Multiplicidade Lingüística em Mato Grosso”) – Universidade de Mato Grosso, Cuiabá, 1993, f. 13.

como em relação à gestão pública), são insuflados na luta contínua por aumento do espaço político e econômico, já que a intensificação do poderio econômico da elite migrante vai também proporcionar uma “invasão” política dos tradicionais espaços ocupados pela antiga elite local. Ambas as forças dissolvidas no seio social vão adotar posturas culturais diversas e conflitantes.

Chegamos a concluir que, neste “cortejo triunfante”, ambos os lados ostentam seus “bens culturais”, seja a elite antiga com os novos casarões e prédios antigos coloniais tombados e reformados, os bailes embalados a **la** viola de cocho, as feiras gastronômicas repletas de iguarias locais, artesanato e redes de dormir, seja a elite migrante na demonstração incontestante do progresso, representado pelos Shopping Centers, os altos edifícios residenciais de luxo e os prédios públicos em vidro temperado.

Assim, retomemos novamente a tese VII:

Sua existência [a dos bens culturais] não deve somente ao esforço dos grandes gênios, seus criadores, mas também à corvéia sem nome de seus contemporâneos. E assim, como ele não está livre da barbárie, também não o está o processo de sua transmissão, transmissão na qual ele passou de um vencedor a outro.²³

Talvez caiba aqui uma contextualização do conceito proposto, pois, curiosamente, em Cuiabá todo o processo de busca por uma identidade local encontrou seu referente imediato não numa cultura erudita ou que se devesse a “grandes gênios”, mas sim na cultura popular, especialmente nas manifestações de um povo semi-indígena e ribeirinho.

Ressaltamos as particularidades deste fenômeno cultural. Em Cuiabá, não haverá somente uma expropriação do trabalho abstrato das classes inferiores que tem seu reverso no tempo livre da criação de bens culturais burgueses, mas, e principalmente, na absorção e no uso indiscriminado de bens culturais próprios das manifestações populares que são tomadas como legítimas de uma elite “genuinamente” cuiabana.

Exemplos são inúmeros. Citamos como referência apenas a música típica: **o rasqueado cuiabano**.

A Definição da Palavra Rasqueado: ... arrastar as unhas ou um só polegar sobre as cordas, sem as pontear. (Acordes em glissados rápidos, rasgado, rasgadinho, rasqueado e rasqueo) – Dicionário Musical Brasileiro – Mário de Andrade. Em Mato Grosso, a expressão

²³ BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas III** – Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo. São Paulo: Brasiliense, 1989, p. 156-157.

musical Rasqueado Cuiabano ou Dança Popular Mato-grossense, traz no seu processo histórico toda uma saga, que começou após o fim da Guerra da Tríplice Aliança (Guerra do Paraguai), quando os prisioneiros da Retomada de Corumbá ficaram confinados à margem direita do Rio Cuiabá, atualmente cidade de Várzea Grande. O rasqueado desperta com maior intensidade na população da periferia das cidades, quando começa a ser executado com os hinos de santos (acompanhando Bandeiras do Senhor Divino, São Benedito, etc.) indo aparecer nos chamados chá com bolo.²⁴

Chamada para o “cortejo triunfante” a nova dança abandona a periferia de onde se originou e passa a integrar-se às festividades da elite a partir da década de 20 do século passado e, atualmente, constitui poderoso símbolo da cultura local.

Assim, a função de uma teoria crítica da cultura local não é, a revelia da querela sobre cultura cuiabana, definir simplesmente os “vencedores do momento”, mas preocupar-se com “a corvéia sem nome” que constitutivamente, no caso cuiabano, colocando-se tanto como força criadora quanto herdeira desta cultura, pois:

[...] é verdade, desde que essa ‘preservação’ seja dialeticamente ligada ao momento destruidor: somente quebrando a concha reificada da cultura oficial, os oprimidos poderão tomar parte desse molusco crítico/utópico. [...] [Pois] é preciso lutar para impedir que a classe dominante apague as chamas da cultura passada, e para que elas sejam tiradas do conformismo que as ameaça.²⁵

ALGUMAS CONCLUSÕES OU “ESCOVANDO A HISTÓRIA A CONTRAPELO”.

Vimos que a cultura cuiabana tem em seu imaginário a insistente visão do progresso. Ao longo das décadas e dado os processos econômicos e políticos do país, a cidade de Cuiabá viu despontar as primeiras nuances de sua derradeira modernidade.

Diante de um fenômeno tão avassalador, houve a iminente necessidade de um rearranjo político e econômico, trocando conforme as exigências do sistema produtivo capitalista os atores sociais e seus cenários. Contudo, as disputas que surgem a partir deste reposicionamento dos sujeitos históricos ganham premência no campo cultural. É lá que cuiabanos e migrantes vão travar seu embate mais público.

Assim, cabe a uma teoria crítica desta cultura não somente compreender esta rusga cultural, se é que assim podemos chamar, mas, principalmente, verificar que uma legião sem nome, “multidão translúcida” de Baudrillard, encontra-se historicamente

²⁴ Disponível em: <<<http://www.sompantaneiro.hpg.ig.com.br/ritmos.html>>>.

²⁵ BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas III** – Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo. São Paulo: Brasiliense, 1989, p. 156-157.

alijada da história cultural da cidade. Tais “figurantes”, além de firmes esteios sociais com sua força de trabalho, dispostos a criar as condições materiais de produção cultural, são os principais artífices das formas de cultura em debate (principalmente aqueles evocadas pela antiga elite local em sua busca por identidade).

Assim, finalmente:

Eles [os bens culturais] terão de contar, no materialismo histórico, com um observador distanciado, pois o que ele, com seu olhar abarca como bens culturais atesta, sem exceção, uma providência que ele não pode considerar sem horror. [...] Ele considera como sua tarefa escovar a história a contrapelo.²⁶

Neste sentido, buscamos, neste trabalho trazer a tona o elemento escondido, não-tratado nas discussões culturais locais: esta massa anônima. Pois, a par da sua evocação pela elite antiga, como elemento fundador da cultura “autêntica”, ou pela elite migrante, como o grande beneficiário de suas ações, ofertando bens de consumo indispensáveis, é hoje, mais do que nunca assujeitada tanto das opressões cotidianas das atuais condições materiais de produção (evidentes na favelização da cidade como consequência da mecanização “moderna” do campo, da violência urbana), como de uma vivência cultural apartada da experiência artística plena (vide indústria cultural e os processos de conversão da cultura popular em referências mercadológicas). Para que, realmente se possa “escovar a história a contrapelo”.

²⁶ BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas III** – Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo. São Paulo: Brasiliense, 1989, p.156-157.